

ARTIGO
24/04/2020

COVID-19, o que nós médicos podemos esperar do pós-pandemia?

Desde sua expressão no Brasil, em março deste dois mil e vinte, a COVID-19 impactou a vida de todos os cidadãos de forma súbita, especialmente devidas orientações de distanciamento social, isolamento, quarentena e até de restrições à direitos individuais, como o de ir e vir por exemplo. Tais medidas preocupam a todos quanto à sua longa duração, resultando em questões econômicas e de subsistência para grande parte da população. Ao mesmo tempo, assiste-se atônito o espalhar da doença pelo mundo em rastros de morte e seus reflexos ainda insuspeitados para a saúde dos curados.

Cientistas de todo o globo buscam por respostas que possam conduzir à tratamento específico e à prevenção por meio de vacina. Mas o trabalho é árduo, o tempo é curto e o custo social elevado. A verdade é que até o presente momento caminhamos em solo move-diço, ou seja, ainda não há protocolo para condução médica da doença comprovadamente eficaz e seguro. Nesse interim, nós médicos padecemos das agruras enquanto cidadãos e, cumulativamente, carregamos os fardos do enfrentamento à COVID-19 por meio da assistência direta aos doentes. Infelizmente, trabalhamos em condições frequentemente insuficientes, o que resulta em nossa própria exposição ao agente etiológico, com consequente adoecimento e morte.

Diante de tamanho desafio, o que nós médicos podemos esperar do pós-pandemia? Como será o universo médico passado o novo coronavírus?

Prever o futuro é sempre tarefa ingrata, pois se fosse fácil o Oráculo de Delfos não cruzaria os séculos em respostas enigmáticas. Nesse sentido, o melhor a se fazer é



Dr. Cristófer Martins, especialista em Medicina Legal e Perícias Médicas e conselheiro do CRM-DF.

olhar para o ontem e tentar aprender com as experiências similares dos nossos antepassados. Por óbvio, não é a primeira vez que a humanidade está diante de crise impositiva de mudanças bruscas e forçadas. Meu colega observador de aves, o Professor Jared Diamond quando de sua obra *Armas, germes e aço*, expõe tese biogeográfica para o desenvolvimento, domínio e extinção de civilizações. Do próprio título já se extrai situações nas quais, segundo o autor, a sociedade humana mais rapidamente se transforma, são elas: as guerras, as epidemias e as revoluções¹.

Prova disso foi a peste negra da segunda metade do século XIV, doença causada pelo bacilo *Yersinia pestis*, que desencadeou pandemia na Europa dizimando um terço da população daquele continente². A peste contribuiu sobremaneira na aceleração de uma série de acontecimentos determinantes para a crise da baixa idade média, como as revoltas camponesas, a guerra dos cem anos e o declínio da cavalaria medieval, que culminaram por despertar na Itália período de grandes transformações culturais, econômicas e políticas conhecidas como Renascimento³.

No mesmo sentido a gripe espanhola, outra pandemia das piores da história, com grande capacidade de contágio e altamente letal. Com a chegada em setembro de 1918 do transatlântico Demerara procedente da Europa, chamado a época de “Navio da Morte”, do qual desembarcaram centenas de passageiros infectados pela gripe e cerca de um mês depois, o Brasil inteiro estava imerso em devastadora epidemia.

Aquela época, a condução da saúde estava a cargo do então diretor da Saúde Pública, Dr. Carlos Seidl, duramente criticado pela insistência em defender a benignidade da doença e a morosidade em se estabelecer medidas profiláticas, como o isolamento de enfermos e expurgo de navios que aportavam na capital por exemplo. Esses fatos, somados às limitações estruturais que afetavam o combate à epidemia, despertaram a ira popular sobre o próprio presidente Wenceslau Braz.

Devida gripe espanhola, houve a abertura de novos espaços de atuação dentro do aparelho de Estado para o movimento sanitário que passava por processo de profissionalização da saúde pública no país, cujo ápice se deu pós reforma do ensino em 1925, somado a criação dos primeiros cursos destinados a formação de sanitaristas no Brasil. A gripe espanhola também possibilitou reflexões sobre o próprio sistema institucional republicano, com seus conflitos entre os poderes da República para a geração de políticas que viabilizassem soluções para as questões nacionais, como o próprio combate à espanhola⁶. Daquela epidemia, ainda resultou o destrave em 1919 do debate sobre a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, vencendo as resistências dos Estados, principalmente de São Paulo, diante da necessidade de se coordenar ações contra a doença em todo o Brasil⁷.

Posto isso, *visum et repertum* a doença como um processo natural foi o que nos ensinou o Gênio de Cós.

Nesse sentido, o esperado é que a pandemia COVID-19 reproduza na sociedade atual os mesmos efeitos de epidemias passadas, no sentido de se resolver discussões e entraves que dificultam a aplicação de novas tecnologias disponíveis à médicos, pacientes e estudantes. Ou seja, a Telemedicina, Telessaúde e o Ensino à Distância – EAD devem se consolidar. Além disso, políticas que se opõem a saúde da população devem ser expostas à duras críticas, resultando em fortalecimento dos valores já conhecidos da saúde pública como ação de Estado, ratificando o nosso Sistema Único de Saúde - SUS.

Referências:

1. DIAMOND, J. M. Armas, Germes e Aço. Record, 1ª edição, 2017.
2. FERNANDES, C. Peste Negra. História do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/peste-negra.htm>. Acesso em: 21/04/2020.
3. BROTON, J. The Renaissance: A Very Short Introduction, Oxford University Press, 2006.
4. HAYS, J. N. Epidemics and pandemics. Their impacts on human history. Austin, Texas: Fundação Kahle, 2005.
5. SOUZA, J de. Há 102 anos, pandemia chegava ao Brasil escondida em um navio. Histórias do Mar. 04/04/2020. Disponível em: <https://historiasdomar.blogosfera.uol.com.br/2020/04/04/ha-102-anos-pandemia-chegava-ao-brasil-escondida-em-um-navio/>. Acesso em 22/04/2020.
6. GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100006>. Acesso em 22/04/2020.
7. FIORAVANTI, C. Semelhanças entre a gripe espanhola e a Covid-19. Revista Pesquisa FAPESP. 26 de março de 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/03/26/semelhancas-entre-a-gripe-espanhola-e-a-covid-19/>. Acesso em: 22/04/2020.

